



revistafidelidade@terra.com.br • ano 4 • agosto/2006 • nº 47 • R\$5,00

Revista

Fidelidad **ESPÍRITA**



Noite de São Bartolomeu



A
Revista que
se **Responsabiliza**
Doutrinariamente
pelos Textos Publicados

SUMÁRIO

4 CHICO

CARTAS ESCRITAS COM LÁGRIMAS

A dignidade de Chico Xavier

7 MEDIUNIDADE

ISABEL DE ARAGÃO

Chico Xavier sempre amparado pela Espiritualidade Maior

10 REFLEXÃO

O ENCONTRO

A vida e seus reencontros

12 CIÊNCIA

CIÊNCIAS MÉDICAS ABREM ESPAÇO PARA INCLUSÃO DA ESPIRITUALIDADE

A Espiritualidade pode ajudar a aliviar o sofrimento

14 CAPA

A NOITE DE SÃO BARTOLOMEU

O incrível relato dos envolvidos na história da França

26 ESCLARECIMENTO

MESA BRANCA?

Veja que no Espiritismo não existe ritual

27 COM TODAS AS LETRAS

RESISTA À TENTAÇÃO DE “A NÍVEL DE”

Importantes dicas da nossa língua portuguesa



Edição

Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" – Depto. Editorial

Equipe Editorial

Adriana Levantesi
Leandro Camargo
Rodrigo Lobo
Sandro Cosso
Thais Cândida
Zilda Nascimento

Jornalista Responsável

Renata Levantesi (Mtb 28.765)

Projeto Gráfico

Fernanda Berquó Spina

Revisão

Equipe FidelidadEspírita

Administração e Comércio

Elizabeth Cristina S. Silva

Apoio Cultural

Braga Produtos Adesivos

Impressão

Citygráfica

O Centro de Estudos Espíritas
"Nosso Lar" responsabiliza-se
doutrinariamente pelos artigos
publicados nesta revista.

CHÁRITAS



Chamo-me Caridade; sigo o caminho principal que conduz a Deus. Acompanhai-me, pois conheço a meta a que deveis todos visar.

Dei esta manhã o meu giro habitual e, com o coração amargurado, venho dizer-vos: Oh! meus amigos, que de misérias, que de lágrimas, quanto tendes de fazer para secá-las todas! Em vão, procurei consolar algumas pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: Coragem! Há corações bons que velam por vós; não sereis abandonadas; paciência! Deus lá está; sois dele amadas, sois suas eleitas. Elas pareciam ouvir-me e volviam para o meu lado os olhos arregalados de espanto; eu lhes lia no semblante que seus corpos, tiranos do Espírito, tinham fome e que, se é certo que minhas palavras lhes serenavam um pouco os corações, não lhes reconfortavam os estômagos. Repetia-lhes: Coragem! Coragem! Então, uma pobre mãe, ainda muito moça, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a pedir-me que protegesse aquele entezinho que só encontrava, num seio estéril, insuficiente alimentação.

Alhures vi, meus amigos, pobres velhos sem trabalho e, em conseqüência, sem abrigo, presas de todos os sofrimentos da penúria e, envergonhados de sua miséria, sem ousarem, eles que nunca mendigaram, implorar a piedade dos transeuntes. Com o coração tímido de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles e vou, por toda a parte, estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Por isso é que aqui venho, meus amigos, e vos digo: Há por aí desgraçados, em cujas choupanas falta o pão, os fogões se acham sem lume e os leitos sem cobertas. Não vos digo o que deveis fazer; deixo aos vossos bons corações a iniciativa. Se eu vos ditasse o proceder, nenhum mérito vos traria a vossa boa ação. Digo-vos apenas: Sou a caridade e vos estendo as mãos pelos vossos irmãos que sofrem.

Mas, se peço, também dou e dou muito. Convido-vos para um grande banquete e forneço a árvore onde todos vos saciareis! Vede quanto é bela, como está carregada de flores e de frutos! Ide, ide, colhei, apanhai todos os frutos dessa magnificente árvore que se chama a beneficência. No lugar dos ramos que lhe tirardes, atarei todas as boas ações que praticardes e levarei a árvore a Deus, que a carregará de novo, porquanto a beneficência é inexaurível. Acompanhai-me, pois, meus amigos, a fim de que eu vos conte entre os que se arrolam sob a minha bandeira. Nada temais; eu vos conduzirei pelo caminho da salvação, porque sou a Caridade.

Cárita, martirizada em Roma. (Lião, 1861.)

O Evangelho Segundo o Espirismo. Cap. XIII item 13.

FALE CONOSCO

revistafidelidade@terra.com.br

(19) 3233-5596

Assinaturas

Assinatura anual: R\$45,00
(Exterior: US\$50,00)

Centro de Estudos Espíritas "Nosso Lar"

Rua Luís Silvério, 120 – Vila Marieta 13042-010 Campinas/SP
CNPJ: 01.990.042/0001-80 Inscr. Estadual: 244.933.991.112

Cartas Escritas com Lágrimas

por Suely Caldas Schubert



23-11-1944

“(...) O que me dizes, referentemente à atitude de certos confrades que descambam para o terreno das provações declaradas, é a cópia do que sinto também. É muito triste vermos companheiros, com tantas expressões de cultura evangélica, arvorarem-se em lutadores e combatentes sem educação. Logo que houve o agravo da sentença (caso H. Campos), observando a agressividade de muitos, escrevi mais de cinqüenta cartas priva-

guante de sofrimento advindo das perseguições. Mas não especialmente das perseguições que lhe moviam os familiares de Humberto de Campos. Ele não padecia tanto pelo ataque que vinha de fora, do exterior, mas, sim, pelas agressões de dentro do nosso próprio meio a irmãos que o não compreendiam.

Tanto ele quanto Wantuil de Freitas estavam entristecidos por



algumas cartas foram escritas com lágrimas, tal a desorientação de amigos que se transformam em provocadores

das e confidenciais aos amigos da doutrina, com responsabilidade na imprensa espírita, rogando a eles me ajudarem, por amor de Jesus, com o silêncio e a prece e não com defesas precipitadas e, confesso-te, que algumas dessas cartas foram escritas com lágrimas por mim, tal a desorientação de certos amigos que facilmente se transformam em provocadores e ironistas, esquecendo os mais comecinhos deveres cristãos. (...)”

O que mais me impressiona neste texto é, sobretudo, a sua atualidade.

Chico Xavier escreve-o sob o

constatarem que muitos companheiros, com expressiva cultura evangélica, se transformaram em verdadeiros combatentes até sem educação. Diante de tanta agressividade, diante de tantos confrades que tomaram iniciativa precipitada de defendê-lo, Chico escreve mais de cinqüenta cartas confidenciais a amigos com tarefas na imprensa espírita, rogando-lhes em nome de Jesus que o ajudem, sim, mas com o *silêncio e a prece*.

Tal é a sua preocupação, que muitas dessas cartas são “escritas com lágrimas”.

Imaginemos a serenidade de Chico Xavier ante o problema que se agrava e imaginemo-lo a escudar-se na prece e no trabalho, firme na sua fé, seguro no seu testemunho. Imenso é, portanto, o seu sofrimento ao verificar que vários companheiros, não entendendo o significado daquela hora e muito menos as suas condições espirituais para superá-lo, se arvoram em seus defensores, agindo, porém de maneira totalmente oposta se arvoram em seus defensores, agindo, porém de maneira totalmente oposta à atitude que ele, Chico, assumira. Atitude esta plenamente coerente com a de Wantuil e, vale dizer, de toda a FEB.

Nesse episódio, Chico Xavier sente, por extensão, a dor de ver que a mensagem do Cristo não havia sido assimilada por esses irmãos. Que se transformaram, sem o sentirem, em fomentadores da discórdia e em instrumentos das trevas.

Que magistral lição ressuma dessa passagem da vida de Chico Xavier!

Atacado injustamente, não revida.

Ofendido, silencia.

Caluniado, recolhe-se à oração.

Jogado à opinião pública de todo o país, aguarda serenamente o resultado do julgamento dos homens, sabendo de antemão que, qualquer que fosse ele, estaria em paz com a sua consciência, na certeza de ter cumprido fielmente o seu dever.

Toda a sua defesa é Jesus. É Nele que encontra o exemplo a ser seguido. É para o Mestre Divino que volve o seu olhar confiante. E enquanto se abriga nesse Imenso Amor, Chico é surpreendido com a reação nada cristã e nada espírita de muitos confrades.

Num relance percebe não apenas essa conduta incoerente com os princípios que dizem esposar, mas, principalmente, a estratégia dos planos inferiores a se armar, subrepticamente, infiltrando-se sutil e usando como pretexto a necessidade de defesa de Chico Xavier.

“Como sabes, meu caro Wantuil, nem todas as publicações poderiam ser corretas, no caso escandaloso, e nem todos os jornalistas me procuraram com boas inten-

delicada e mesmo assim não faltaram inúmeros confrades que me escreveram cartas impiedosas e irônicas, quando liam reportagens em desacordo com a verdade dos fatos, como se eu devesse controlar todos os jornais que escreveram sobre o acontecimento. Alguns me perguntaram acementemente se eu não estava obsediado e se já não havia enlouquecido. (...) Continuemos, meu amigo, em nossos trabalhos, edificados na consciência tranqüila.”

Cremos que a maioria dos com-

...aguarda serenamente o resultado do julgamento dos homens...

ções. Mas como sabes também, e conforme assevera o nosso Emmanuel, “na tarefa mediúnica, não podemos agradar a todos, mas não devemos desagradar a ninguém”. Minha situação era muito

panheiros de nosso movimento serão tomados pela mesma perplexidade que nos acometeu ao lermos essas cartas e constatarmos que existem irmãos nossos, isto é, pessoas que se dizem espíritas, capazes de,



CHICO

com toda tranqüilidade, escreverem uma carta a alguém de maneira impiedosa e irônica. E mais: de se dirigirem a Chico Xavier ofendendo-o, pedindo-lhe contas de seus atos, transformando-se em juízes descaridosos e frios, como se lhes coubesse esse direito em relação a outro ser humano.

É triste verificarmos o quanto ainda somos pouco cristãos. Não assimilamos quase nada dos ensinamentos do Cristo. É o caso de nos perguntarmos: Onde está o Evangelho em nós? E da Doutrina Espírita o que aprendemos, assimilamos e incorporamos à nossa vivência?

Mas, Chico nem sequer menciona nomes. Poderia tê-lo feito, pois escreve a um amigo do seu coração. Não acusa, todavia, a ninguém. Não faz referências desairosas. Apenas explica a Wantuil que muitas publicações não são corretas e que alguns jornalistas não o procuram com boas intenções. Chico quer que Wantuil esteja a par da verdade. Interessa-lhe que o amigo saiba do que ocorre. Não se preocupa em divulgar a realidade ou esclarecer os demais. Permanece, como sempre faz, em sua extraordinária vivência evangélica.

De suas palavras neste trecho, reponha a frase de Emmanuel: “na

do constantemente o melhor de si mesmo. As pessoas, entretanto, em sua maior parte, não se contentam com o que recebem. Querem sempre mais. Estão sempre exigindo e cobrando. E especialmente dos médiuns.

Bem poucos têm uma noção certa do que seja a tarefa mediúnica. Crêem que o médium tem consigo a fórmula mágica que resolve problemas, afasta dissabores e, sobretudo, que suas mãos guardam o segredo do milagre capaz de curar e cicatrizar males e feridas do corpo e da alma.

Chico Xavier dá-nos os parâmetros do que seja a vivência da mediunidade com Jesus, plena e integral. Ele não é espírita apenas quando está no Centro ou cercado pela multidão. Ele não é médium somente nos horários restritos das reuniões. A sós ou junto do povo, no seu lar ou no Centro, ele é sempre o Espírita e o médium que exemplifica o que escreve e fala.

Com a simplicidade que lhe é característica, transmite a Wantuil a “fórmula milagrosa” para superar a tantas dificuldades: “Continuemos, meu amigo, em nossos trabalhos, edificados na consciência tranqüila.” ■

“Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”

A lição do Mestre prossegue ecoando ao longo dos tempos para aqueles que têm ouvidos de ouvir: “Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecados.”

tarefa mediúnica, não podemos agradecer a todos, mas não devemos desagradar a ninguém.” Realmente, com paciência apostolar Chico tem procurado seguir este conselho, doan-



Fonte:

SCHUBERT, Sueli. *Testemunhos de Chico Xavier*. Pág. 32 - 36. Feb. 1998.

Isabel de Aragão

por Chico Xavier

Tinha eu dezessete anos, em 1927, quando na noite de 8 de julho do referido ano, em uma reunião de preces, escutei, através de uma senhora presente, D. Carmem Penna Perácio, já falecida, a recomendação de um amigo espiritual, aconselhando-me a tomar papel e lápis, a fim de escrever mediunicamente. Eu não possuía conhecimento algum do assunto em que estava tratando, mesmo porque ali comparecia acompanhando uma irmã doente que recorria aos passes curativos daquele círculo íntimo, formado por pessoas dignas e humildes, todas elas de meu conhecimento pessoal. Do ponto de vista espiritual, apesar de muito jovem, era fervoroso católico que se confessava e recebia a Sagrada Comunhão, desde 1920, aos dez janeiros de idade. Ignorando se me achava transgredindo algum preceito da Igreja, que eu considerava minha mãe espiritual, tomei o lápis que um amigo me estendera com algumas folhas de papel em branco e meu braço, qual se estivesse desligado do meu corpo, passou a escrever, sob os meus olhos cerrados, certa mensagem que nos exortava a trabalhar, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. A mensagem era constituída de dezessete páginas e veio assinada por um mensageiro que se declarava “Um amigo espiritual”, que



MEDIUNIDADE

somente conheceria depois. Nenhuma das pessoas presentes se interessou em conservar o comunicado, inclusive eu mesmo, pois nenhum de nós, os companheiros que formavam o círculo de orações, poderia prever que a tarefa de escrever mediunicamente se desdobraria para mim, através de vários decênios.

No dia seguinte, após a missa da manhã, procurei o Padre Sebastião Scarzelli, que era meu confessor e protetor, e contei-lhe o sucedido, pedindo-lhe que me acompanhasse quanto ao que me caberia fazer. Ele

ção de monsenhor e onde se poderia ver a obra imensa de benemerência em favor da comunidade.

Sem a presença daquele apóstolo do bem, dediquei-me ao grupo espírita, com a mesma fé, com a qual comparecia às atividades católicas.

Tudo seguia em ordem, quando na noite de 10 de julho referido, dois dias depois de haver recebido a primeira mensagem, quando eu fazia as orações da noite, vi o meu quarto pobre se iluminar, de repente. As paredes refletiam a luz de um prateado lilás. Eu estava de joelhos, con-

toda, mas pude perguntar-lhe, embora as lágrimas que me cobriam o rosto:

- Senhora, quem sois?

Ela me respondeu:

- Você não se lembra agora de mim, no entanto eu sou Isabel, Isabel de Aragão.

Eu não conhecia senhora alguma que tivesse esse nome e estranhei o que ela dizia, entretanto, uma força interior me continha e calei qualquer comentário, em torno de minha ignorância. Mas o diálogo estava iniciando e indaguei:

- Senhora, sou pobre e nada tenho para dar. Que auxílio poderei prestar aos mais pobres do que eu mesmo?

Ela disse:

- Você nos auxiliará a repartir pães com os necessitados.

Clamei com pesar:

- Senhora, quase sempre não tenho para mim. Como poderei repartir pães com os outros?

A dama sorriu e esclareceu:

- Chegará o tempo em que você disporá de recursos. Você vai escrever para as nossas gentes peninsulares e, trabalhando por Jesus, não poderá receber vantagens material alguma pelas páginas que você produzir, mas vamos providenciar para que os Mensageiros do Bem lhe tragam recursos para iniciar a tarefa. Confiemos na bondade do Senhor.

Em seguida a essas palavras que anotei em 1927, a dama se afastou deixando o meu quarto em pleno escuro. Chorei sob emoção para mim inexplicável até o amanhecer do dia imediato. Não tinha mais o Padre Scarzelli para consultar e notei que os meus novos companheiros não poderiam me auxiliar, por-

Vi perto de mim uma senhora de admirável presença, que irradiava a luz que se espalhava pelo quarto

era um padre moço, creio que de origem italiana. O querido sacerdote, que muitas vezes fora o meu apoio nas dificuldades psicológicas e mediúnicas, que eu periodicamente atravessava, me falou com bondade que ele mesmo nunca lera livros espíritas, mas, se eu me sentia bem no círculo de preces a que comparecera, seria justo buscar a paz que me faltava, já que o nome de Jesus presidia aquele grupo de pessoas honestas e ainda me afirmou que poderia freqüentá-lo, mas lembrando a minha devoção à Nossa Senhora, pois ele acreditava que Nossa Mãe Santíssima intercederia em meu benefício em qualquer circunstância. Depois desse entendimento, não mais vi o Padre Scarzelli, que fora removido para a cidade de Joinville, no Estado de Santa Catarina, onde faleceu, há poucos anos, na condi-

forme os meus hábitos católicos, e descerrei os olhos, tentando ver o que se passava. Vi, então, perto de mim uma senhora de admirável presença, que irradiava a luz que se espalhava pelo quarto. Tentei levantar-me para demonstrar-lhe respeito e cortesia, mas não consegui permanecer de pé e dobrei, involuntariamente, os joelhos diante dela. A dama iluminada fitou uma imagem de Nossa Senhora do Pilar que eu mantinha em meu quarto e, em seguida, falou em castelhano que eu compreendi, embora sabendo que eu ignorava o idioma, em que ela facilmente se expressava:

- Francisco, disse pausadamente, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, venho solicitar o seu auxílio em favor dos pobres, nossos irmãos.

A emoção me possuía a alma

que eu não sabia o que vinha a ser a expressão “gentes peninsulares” ouvidas por mim, quanto a estas duas palavras, nenhum deles conseguiu fornecer qualquer explicação. Sentindo-me a sós com a lembrança da inesquecível visão, passei a orar todas as noites, pedindo à Nossa Senhora para que alguém me socorresse com as informações que eu julgava precisas. Duas semanas após a ocorrência, estando eu nas preces da noite, apareceu-me um senhor vestido em roupa branca que, por intuição, notei tratar-se de um sacerdote.

Saudei-o com muito respeito e ele me respondeu com bondade,

explicando-se:

- Irmão Francisco, fui no século XIV um dos confessores da Rainha Santa, Isabel de Aragão, que se fez esposa do Rei de Portugal, D. Dinis. Ela desenvolveu elevadas iniciativas de beneficência e instrução nos dois reinos que formam a Península, conhecida na Europa, e voltou ao mundo espiritual em 4 de julho de 1336. Desde então, ela protege todas as obras de caridade e educação na Espanha e Portugal. Foi ela que o visitou, há alguns dias, nas preces da noite, e prometeu-lhe assistência. Ela me recomenda dizer-lhe que não lhe faltarão recursos para a distribuição de pães com os neces-

sitados. Meu nome em 1336 era Fernão Mendes. Confiemos em Jesus e trabalhem na sementeira do bem.

Eu não tive garganta livre para falar.

O padre se retirou e, sentindo a premência do que desejava a nobre Senhora, que eu não sabia ter sido, na Terra, tão amada e tão ilustre rainha. No primeiro sábado que se seguiu às ocorrências que descrevo, fui com minha irmã Luiza a uma ponte muito pobre, até hoje existente e reformada, na cidade de Pedro Leopoldo, Minas, onde nasci, conduzindo um pequeno cesto com oito pães. Ali estavam refugiados alguns indigentes. Parti os pães, a fim de que cada um tivesse um pedaço, e assim foi iniciado o nosso serviço de assistência que perdura até hoje. Em Pedro Leopoldo, com alguns companheiros, fiz a distribuição de pães, de 1927 a 1958. Em janeiro de 1959, mudei-me para esta cidade de Uberaba, aqui chegando no dia 5 de janeiro de 1959. Um grupo de amigos já nos esperava e promovemos a distribuição de pães numa vila da periferia uberabense. Essa distribuição semanal, aos sábados, permanece ativa até hoje. Moramos numa casa vizinha de três núcleos de favelados e a nossa distribuição de pães, atualmente, se eleva ao número de um mil e quinhentos por semana, divididos entre os necessitados das três favelas a que me referi. ■

...apareceu-me um senhor vestido em roupa branca que, por intuição, notei tratar-se de um sacerdote



Fonte:

BACCELLI, Carlos A. *O Evangelho de Chico Xavier*. Pág 91-96. Didier, Votuporanga/SP. 2003.

O Encontro

por Hilério Silva / Chico Xavier

 Rosabela preparava-se. Não cabia em si de esperança. Visitara o cabeleireiro e experimentava, feliz, o vestido novo.

Sozinha no apartamento, relia a última carta. A última carta de amor que a buscava, enfim. E a sós, enquanto a noite de sábado transbordava de música, recordava, recordava...

Casara-se, havia cinco anos; todavia, Tristão, o esposo, revelara-se libertino. Não conseguia olvidar os primeiros tempos. A presença dele, suas palavras e promessas estavam em seu pensamento como inolvidável perfume.

Ainda assim, tivera coragem de romper consigo própria e tentar outra experiência. Isso porque não tivera força para o perdoar.

Rememorava a noite em que se haviam despedido...

Regressava do interior fluminense, onde fora ter com os pais, em repouso breve. Entretanto, inesperada queratite obrigara-lhe a volta em momento imprevisto. E não olvidava o quadro que a ferira, fundo.

Penetrando em casa, surpreendera Tristão embriagado junto de outra. Ambos agressivos. Inconvenientes. Dilacerada nos melhores sonhos, protestara, chorando; contudo, o

marido, alterado, atirara-lhe as malas na rua. Expulsara-a como se fora um animal corroído de peste.

Acolhera-se à residência de amigos e mudara o curso dos próprios passos.

O esposo, talvez mudado, tentara a aproximação, mas debalde.

Às vezes, supunha que faltava Tristão, mas arredava para longe esse pensamento.

Surgiu, no entanto, uma noite diferente.

Casara-se havia cinco anos; todavia o esposo revelara-se libertino

Ultrajada, negou-se.

Alugando pequeno apartamento em bairro distante, aceitou as funções de datilógrafa quase anônima, em grande companhia comercial. E mergulhara a mente no serviço.

De quando em quando, esse ou aquele Don Juan de esquina lhe deitava olhos menos sensatos; todavia, pelo comportamento irrepreensível, não lhes encorajava qualquer palavra incorreta.

O tempo correu lentamente.

Um, dois, três, quatro anos...

Sentia-se, no entanto, intimamente desamparada.

Ensaíava a aquisição de amizades novas. Acabava, entretanto, desiludida.

Algo faltava.

Lia velho número de uma revista sentimental e encontrara aí um convite a esmo.

Cavalheiro, anunciando trinta e dois anos de idade, desejava estabelecer amizade com alguém, por sentir-se sozinho.

O curioso anuncio era assinado por Benjamim Solis e apresentava expressivo cunho de seriedade. Após refletir, resolveu arriscar. E ofereceu-se, endereçando bela missiva datilografada para a caixa postal indicada.

Dizia chamar-se Rosalinda Maivar e informava a posta-restante para a resposta.

Benjamim escreveu, contente, feliz.

Declarava adotar igualmente a datilografia por sistema ideal, até ►

que pudessem estabelecer um encontro franco.

E as cartas começaram afetivas para se tornarem longas e belas, carinhosas e ardentes.

Confidências recíprocas. Autobiografias discretas. Flores e lembranças pelo correio. Respeitosamente, contou-lhe Benjamim uma longa história. Era casado. Mas via-se distanciado da esposa, desde muito. Não a acusava. Informava, apenas, que não soubera fazê-la feliz.

Em outras missivas, historiava estranhos episódios. Relacionava dificuldades do pretérito.

E dizia-se um homem a caminho da regeneração.

Enviava livros. Livros espíritas, consoladores, que ela manuseava com imensa emoção. Aqueles apontamentos dele inclinavam-na à alegria e à esperança. Falavam de renúncia, entendimento, perdão...

Ela mesma, com dez meses de correspondência, estava modificada. Mais paciente, mais tolerante.

E pensava: “se conhecesse tudo isso ao tempo de Tristão...”; todavia, mentalizava Benjamim e expulsava a imagem do esposo, buscando anular-lhe o reflexo...

Impossível que Benjamim fosse mau... E ainda que houvesse cometido algo passível de justa reprovação, ali estava, naquelas cartas religiosamente datilografadas, plenamente refeito.

Estava presa aos compromissos legais. Contudo, nada a impedia de manter uma afeição pura e nobre. Incentivo do coração que pudesse auxiliá-la a viver...

Pensando em como prosseguir no romance, revirava nas mãos a última carta...

Antes, deliberadamente, adiavam sempre, entre si, a remessa de fotos. Benjamim, no entanto, convidava-a, agora, a que se avistassem.

Esperá-la-ia às dez horas em ponto, do dia seguinte, domingo, à porta do velho Jardim Botânico.

blante e realinhou os cabelos, utilizando pequena bolsa.

E caminhou, coração aos saltos, no rumo certo.

Vários grupos se movimentaram sob o arvoredo à caça de ar puro.

Avançou, trêmula. Olhou o re-

Pensando em como prosseguir no romance, revirava nas mãos a última carta...

Envergaria costumes de linho alvo e traria gravata escura com pequeno alfinete em forma de “R”.

Respondera aquiescendo.

E informara que trajaria um vestido da mesma cor, mostrando um broche singelo lembrando os contornos da mesma letra.

Enfim, enfim o encontro...



Manhãzinha, Rosabela pôs-se em marcha.

A princípio, o elétrico e, depois, o lotação.

Não quis, porém, descer, de chofre, nas imediações do jardim. Queria movimentar-se um tanto. Preparar-se. E chegar às dez em ponto.

Fez sinal e apeou numa rua da Gávea. Aí mesmo, mal suportando a própria emoção, retocou o sem-

lógio. Dois minutos para as dez. Mais alguns passos e estacou.

O amigo lá estava. Roupa branca e gravata escura. O alfinete em forma de “R” luzia, não obstante minúsculo.

Mas, aquele homem... Aquele homem era Tristão.

O marido, muito pálido, veio ao encontro dela.

Ambos, prestes a cair, abarcaram-se de manso.

Pois é você, Rosa? Eu bem desconfiava... Somente você poderia esquecer-me como fez, tocando-me o coração... Perdoe-me, agora! Estou transformado, creia... Sofri demais. Este encontro é a resposta do Mundo Espiritual às minhas preces constantes! Louvado seja Deus!...

Rosabela nada respondeu.

O esposo, no entanto, abraçou-a mais forte, ao notar que ela repousara a cabeça em seus ombros, e, depois de alguns minutos, percebeu que a primorosa lapela surgia agora ensopada de lágrimas. ■

Fonte:

XAVIER, Francisco C. *A Vida Escreve*. Pág. 125 - 130. Rio de Janeiro/RJ.

Uma técnica de intervenção terapêutica para pacientes em estágio terminal aponta, com aporte científico, que a espiritualidade pode ajudar a aliviar o sofrimento de quem está próximo da morte. O método, publicado no final de junho deste ano, no periódico britânico *The Scientific World Journal*, foi o tema da tese de doutorado “Programa de treinamento para profissionais de saúde sobre a intervenção terapêutica: Relaxamento, Imagens Mentais e Espiritualidade (Rime) para re-significar a Dor Espiritual de Pacientes Terminais”, da psicóloga Ana Catarina Araújo Elias, apresentada no final do ano passado, na Unicamp. O estudo dá força a uma tendência que, embora ainda muito polêmica, vem ganhando espaço no meio acadêmico na última década: a inclusão da espiritualidade nas pesquisas científicas da área da saúde.

...a espiritualidade pode ajudar a aliviar o sofrimento de quem está próximo da morte

O crescente interesse da área médica pela espiritualidade também foi destacado no Seminário Internacional “Espiritualidade no cuidado com o paciente”, organizado pela Associação Médico-Espírita (AME) do Brasil, em São Paulo, em maio de 2005, por Harold G. Koenig, médico da Universidade de Duke, Estados Unidos. Segundo ele, entre 1908 e 1982 foram publicados apenas 101 artigos médicos sobre espiritualidade e/ou religiosidade. De 2002 a 2003, este número aumentou para mais de mil, e entre 2003 e 2005 surgiram mais 1.798 artigos sobre o tema.

Uma rápida busca no site do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde (Bireme), o maior banco de dados de literatura em saúde da América Latina, confirma essa transformação: mais de mil estudos relacionados à espiritualidade estão registrados no banco de dados desde 1993. Antes disso, nenhum trabalho foi publicado em língua portuguesa. Cruzando as palavras-chave “spirituality” e

Ciências Médicas abrem espaço para inclusão da Espiritualidade

por Daniela Klebis



“health” (espiritualidade e saúde, em inglês) encontramos apenas vinte trabalhos entre 1966 e 1992, ao passo que entre 1993 e 2006 mais de 500 novos estudos foram publicados sobre o tema. Entre os vinte primeiros trabalhos, o mais antigo registrado é de 1984.

Reinaldo Ayer, conselheiro do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp), não acredita, no entanto, que esteja havendo uma mudança de padrões nas ciências médicas. “Não tenho a visão de que o ambiente das ciências médicas seja tão cético”. Segundo ele, tratar do doente em sua integralidade sempre foi e sempre será o paradigma de definição da ação do médico. “Na construção da relação médico-paciente não são somente os aspectos técnicos da medicina que devem ser considerados. Há seguramente um envolvimento de afetividade e empatia que se constituem em coisas do espírito”. Atitudes como respeito ao outro, acolhimento, participação de familiares, conforto, atenção às necessidades espirituais dos doentes trazem, de acordo com Ayer, “força” para enfrentar situações de grande adversidade como, por exemplo, a morte.

Avaliando o medo e o sofrimento

Nancy Mineko Koseki, oncologista clínica e coordenadora da Unidade de Cuidados Paliativos do Centro de Atenção Intensiva à Saúde da Mulher (Caism), na Unicamp, afirma que embora

reconheça-se que a dor espiritual afeta a dor física, os médicos ainda centralizam sua atenção no alívio da dor do corpo.”O que nós observamos na área médica é a preocupação com a cura da dor pelos remédios. A sedação do paciente terminal é muito comum nas enfermarias. Acredito que uma intervenção terapêutica como a Rime ajudaria a humanizar esse cuidado, reduzindo a necessidade dos medicamentos”.

A Rime é uma técnica de relaxamento e visualização de imagens mentais que tem como objetivo resignificar a dor espiritual, promovendo maior qualidade de vida no processo de morrer. O paciente é induzido a visualizar seres espirituais bondosos e acolhedores, paisagens celestiais, lugares bonitos e aconchegantes. Todos esses elementos da espiritualidade tiveram como base os relatos dos pacientes que passaram por uma “Experiência de Quase Morte” e voltaram a viver normalmente. “Pacientes terminais sabem intuitivamente que estão morrendo e precisam expressar sua dor e serem compreendidos, por esta razão o ideal seria não dizer ao doente que ele está morrendo e sim, procurar ouvi-lo”, ressalta Ana Catarina Elias.

A técnica começou a ser desenvolvida em 1998, quando a psicó-

loga, ao realizar um trabalho com crianças e adolescentes com câncer em fase terminal, percebeu um sofrimento psicológico e espiritual relevante. “Denominei este sofrimento de ‘Dor Simbólica de Morte’, representado pela ‘Dor Psíquica’ (medo do sofrimento e humor depressivo manifestado por angústias, tristezas e culpas) e pela ‘Dor Espiritual’ (medo da morte, medo do pós-morte, idéias e concepções negativas em relação ao

Pacientes terminais sabem intuitivamente que estão morrendo e precisam expressar sua dor

sentido da vida e à espiritualidade e culpas diante de Deus)”, explica. Em sua tese de doutorado, a pesquisadora operacionalizou o treinamento da Rime para profissionais de saúde.

O método, no entanto, apresenta limitações. De acordo com a pesquisadora, ele só pode ser aplicado por profissionais que acreditam na vida espiritual pós-morte e pacientes que também tenham esta crença: “pacientes que não acreditam na vida pós-morte devem ser atendidos pelos métodos convencionais”. ■

Fonte:

Jornal eletrônico Consciência da Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP.

A Noite de São Bartolomeu

tristes recordações

Observemos, em estudo interessante, a existência de um espinho histórico, espetado na carne da França: a chamada Noite de São Bartolomeu, ocorrida na madrugada de 24 de agosto de 1572.

por Newton Boechat

Se a Revolução Francesa, em 1789, não pôde evitar excessos e exageros, dada à sua estruturação de massa, com fatores heterogêneos e psicologicamente múltiplos, a existência de continuadas injustiças sobre a coletividade, alimentando revolta incontrollável, por outro lado, objetivou levantar a bandeira da “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”.

Evidentemente, a caudal¹ política desembocou na aristocracia napoleônica; todavia, os frutos da Revolução ficaram substancializando a vida, e melhorando, paulatinamente, em toda parte, o comportamento das Nações, tendendo-as, mais ou menos tempo, ao Direito.

A Noite de São Bartolomeu, não; foi movimento baixo, estúpido, cego, fanático, imediatista, em que em nome de Deus e à sombra dEle, se cometeram as mais inomináveis barbaridades, desencadeando causas que se prolongaram em séculos de provações para Espíritos que, na calada da noite, joga-

ram com o destino de milhares de protestantes huguenotes, aprisionando-os, primeiramente, numa cilada, usando como isca de atração o casamento de Henrique de Navarra (protestante) com Margarida de Valois (católica, filha de Catarina de Médicis, a Rainha-mãe, que determinava energeticamente sobre seu filho, o frágil Carlos IX).

A corte Francesa não se conformava com a hegemonia espanhola, que se plasmava cada vez mais, evidenciando-se no Vaticano, e promovendo-se por toda a Europa. De há muito, discreta coletividade de nobres e conselheiros de Catarina e ela mesma elaboravam plano sinistro para eliminar do solo francês o que chamavam “a peste”. Avolumou-se a corrente evangélica não somente em Paris, mas na França toda, alentada pela figura austera e firme do Almirante Gaspar de Colligny, que era conselheiro e amigo de Carlos IX.

Antes de entrarmos nas implicações histórico-mediúnicas de tene-

brosa noite, em rápidas pinceladas, pintemos o movimento huguenote.

Esta palavra parece ser de intenção pejorativa. Os protestantes franceses adotaram as idéias de Calvino. A origem da palavra *huguenote* é obscura. Estudiosos do assunto supõem-na derivada do vocábulo “hugon”, que designava, em Turena, as pessoas noctívagas, visto que os protestantes costumavam reunir-se à noite. Outros alegam que o nome se originou da pronúncia defeituosa da palavra alemã “eidegnosse”, que significa “confederados”. Outros afirmam que deriva do fato de os primeiros protestantes citados se reunirem em cavernas subterrâneas, próximas da porta Hugon, nos arredores de Tours.

O primeiro templo huguenote foi erguido em Strasbourg (1538), que, àquela época, não pertencia à França. Os freqüentadores eram indivíduos fugidos da França por motivos de perseguição religiosa. O movimento propagou-se rapidamente; em 1559, foi realizado em Paris

¹ Caudal *sm+f* 1 torrente, corrente. 2 *Fig. enxurrada fig, batelada, mundo. Ex: Um caudal de súplicas e lamentações.*

um concílio de chefes, cujo fato alarmou os católicos franceses, que resolveram contê-los.

A poderosa família dos de Guise chefiava os católicos, enquanto os huguenotes se deixavam liderar pelo Príncipe de Conde e o Almirante Gaspar de Coligny. Lançaram um manifesto em Orléans, em 1562, em que hipotecavam sua lealdade ao rei, e justificando terem sido compelidos a pegar em armas em defesa da liberdade religiosa. Os huguenotes foram derrotados em Jarnac em 1569, e Conde foi morto com um tiro de arcabuz na testa. Com o seu desaparecimento, surgiu novo chefe entre os protestantes: Henrique, Príncipe de Navarra. Em 1570, Coligny e Henrique de Navarra avançavam sobre Paris. Henrique ascendeu ao trono de Navarra em 1572. Concertou-se seu casamento com Margarida de Valois, irmã do Rei da França, Carlos IX, objetivando-se selar a paz entre católicos e os huguenotes. Para comemorar o acontecimento e a recém assinatura do pacto de paz, os chefes huguenotes e milhares de seus seguidores uniram-se em Paris, alguns dias antes da véspera de São Bartolomeu.

Na antevéspera, ocorrera um atentado contra a vida de Gaspar de Coligny, desfechado por Maurevel, que lhe disparou a arma. Uma bala fraturou-lhe o indicador da mão direita, e outra alojou-se no seu antebraço esquerdo.

O malogrado assassinato fora instigado por Catarina de Médicis, mãe do Rei, que temia a vingança dos huguenotes. Tanto ela como outros membros da Santa Liga obtiveram o consentimento do Rei para a monstruosa matança de 24 de agos-

to. Os partidários do rei, incitados por Catarina e chefiados pelo Duque de Guise, caçaram e mataram praticamente todos os huguenotes que havia dentro dos muros de Paris. Coligny foi morto, e Henrique de Navarra escapou por ter passado a noite no palácio real. Desencadeada a violência, foi impossível dominar a população, e, nas semanas seguintes, milhares de protestantes foram mortos em toda a França.

Em 1589, Henrique III, da França, nomeou seu sucessor a Henrique de Navarra, que foi coroado com o nome de Henrique IV. Este se converteu ao Catolicismo, em 1593. Em 1598, assinou o Edito de Nantes, que assegurava a liberdade de culto aos protestantes. Henrique IV foi assassinado, em 1610, por um fanático, Ravailac, e novamente estourou a guerra entre a Liga e os

huguenotes. Tropas do Cardeal de Richellieu, primeiro ministro de Luís XIII, sitiaram os huguenotes no povoado de La Rochelle. A fortaleza caiu, e, com isso, foi destruído o poder político dos huguenotes (1628). Estes não foram, entretanto, privados da liberdade de praticar o culto, até 1685, quando Luís XIV revogou o Edito de Nantes. Então, a maioria dos huguenotes emigrou. Cerca de 400 mil se estabeleceram na Inglaterra e na Prússia.

Outros iniciaram novas colonizações na América do Norte. Alguns emigraram para o Sul da África. Vários permaneceram na França, onde, vez por outra, sofreram perseguições. Em 1787 o Rei Luís XVI concedeu-lhe certos direitos. Em 1790, depois da Revolução Francesa, foi promulgado um decreto que restituía aos huguenotes todos os direitos e todas as propriedades que haviam perdido com a revogação do Edito de Nantes.

A presença dos primeiros huguenotes no Brasil data de 1555, com a invasão francesa, chefiada por Villegaignon (séc. XVI).

À luz do reencarnacionismo, que a Doutrina Espírita sistematiza para o mundo, mostrando-lhe a lógica através das leis de mérito e demérito, conforme bem ou mal usado o livre-arbítrio, pelo Espírito, caminheiro da evolução, podemos apreciar, agora, por

Aquele que está de posse da sabedoria tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito

gentileza de D. Izabel Bittencourt de Souza, distinta companheira de lides doutrinárias no Rio de Janeiro, uma faceta histórico-espiritual, vinda ao nosso conhecimento através da fecunda mediunidade de Chico Xavier, a quem há muito tempo cognominamos de “antena psíquica”, devido à quantidade de obras do Alto que nos ofertou e oferta, bem como às centenas, talvez milhares, de identificações de Espíritos em diferentes estados evolutivos. ▶

Os leitores que ainda não leram nosso primeiro livro *Ide e Pregai...* poderão disso cientificar-se, no capítulo correspondente ao medianeiro da cidade de Pedro Leopoldo, quando inúmeros casos de registro

de entidades desencarnadas, acompanhadas, muitas vezes, de pessoas que visitavam o médium, foram contados.

Já na obra *Dicionário da Alma*, lançado pelo Grupo Espírita “Fabi-ano”, do Méier/RJ, em 1964, pre-

faciando-a, o saudoso e querido Professor Ismael Gomes Braga, tecendo considerações em torno de D. Esmeralda Campos Bittencourt (mãe da senhora que nos ensaja este estudo, assim escrevia:

“Esmeralda Campos Bittencourt, cujas mãos carinhosas prepararam este volume, é um coração de mãe, santificado pela dor, que assistiu à desencarnação violenta de filhos e filhas em plena juventude, brilhantes de conhecimentos científicos e de virtudes morais, em consequência de atos praticados no século XVI, mais precisamente na triste Noitada de São Bartolomeu (23 para 24 de agosto de 1572) e dias seguintes, quando a França foi banhada pelo sangue dos protestantes, homens, mulheres e crianças de todas as idades.

Um grupo de Espíritos ligados à Corte de Carlos IX, da França, ficou comprometido naqueles tristes acontecimentos e veio reparar no Brasil, no século XX, aquele passado, sofrendo morte violenta, por acidentes, em plena juventude radiosa.

Felizmente, tudo correu sem novos crimes, sem ódios, produzindo apenas muita dor. Nossa irmã foi mãe amorosíssima de alguns desses Espíritos, hoje já adiantadíssimos em moral e saber, que se quitaram sem revolta com a lei do “carma”.

Por mercê de Deus, conhecia ela muito bem o Espiritismo, foi suficientemente esclarecida dos acontecimentos e suportou com heroísmo esses tremendos golpes ao seu extremoso coração materno.

Seu passamento foi sereno, em avançada idade². Na madrugada de sua desencarnação, apareceu-nos ela em sonho muito nítido, rejuvenescida, alegre, felicíssima, e nos disse com entusiasmo:

Terminei a escola; vou aposentar-me; esta é minha última aula!

Despertamos encantado com a visão e logo pela manhã recebemos telefonema comunicando-nos seu passamento.

D. Esmeralda Bittencourt, em quem meditamos em perfume de saudade, era muito amiga de Francisco Cândido Xavier. Várias vezes visitou-o em Pedro Leopoldo, a fim de beber da fonte da água viva que ali jorrava.

Prosegue o Prof. Ismael:

Em mais de trezentos anos de evolução, aqueles Espíritos progrediram muito, tanto em moral como em inteligência; não são mais os fanáticos religiosos do tempo de Catarina de Médicis e dos Guise, mas compreenderam que estavam em dívida com a Lei e precisavam de quitar-se para poderem galgar novas posições.

Haviam interrompido violentamente a vida de jovens e precisavam de passar pela mesma experiência, mas não queriam que ninguém fosse culpado de sua morte violenta; por isso pediram para morrer de acidentes, quando jovens, bondosos e amados por todos. Foram atendidos: pagaram sua dívida sem deixar culpados no mundo, para sofrerem consequências”.

A seguir os leitores terão a oportunidade de saborear uma das mais extraordinárias e edificantes mensagens recebidas pela mediunidade missionária de Chico Xavier. Apreciarão a roda-viva da lei da reencarnação, trazendo ao presente, na ta-

refa de maternidade dolorosa e sacrificial de D. Esmeralda Bittencourt, a outrora Duquesa de Nemours, conselheira e amiga da Rainha-mãe Catarina de Médicis.

Foi a referida Mensagem recebida em 09/05/1953, em reunião do

Centro Espírita “Luiz Gonzaga”, de Pedro Leopoldo, e inédita nos arcaivos espíritas.

Assim, o amoroso e ínclito Espírito Emmanuel dirige-se àquela que, hoje, redimida, se encontra no Mundo Maior:

² Aos 75 de idade, em 39/10/1963, no Rio de Janeiro

“Minha amiga, minha irmã:

Muita paz.

Com o temporal, a natureza purifica a atmosfera.

Com o orvalho, o céu alimenta a natureza.

Também como a chuva de lágrimas o Senhor regenera nossas almas, e como o rocío da oração conseguimos amenizar a secura do caminho que nos reconduz ao Pai Celestial.

Inclinemo-nos à frente dos Divinos Desígnios!

Nossa marcha redentora para Deus, quando subimos pela escarpa do reajuste, desdobra-se entre espinheiros e vertigens da ascensão.

Escolheste o sublime roteiro das Mães! Mãe pelo sacrifício de todos os sonhos e pela renúncia a toda felicidade menos construtiva no mundo!

Começaste sofrendo no berço e, embora esperando a materialização do castelo de ventura arquitetado na meninice, conheceste a bênção do matrimônio, nele buscando a coroa da maternidade dolorosa e santificante... Acolheste nos braços velhos tesouros que velaste na eternidade, sob as flores de tuas melhores esperanças... Nos braços, acalente esses companheiros do grande caminho, nutrindo-os na fonte de teu amor... Afigurava-se-te o mundo, enquanto podias detê-los de encontro ao coração sensível e generoso, um templo em que as tuas dores se glorificaram na confiança e no otimismo, na expectativa e na fé viva, à frente do futuro. Entretanto, se havias sido igualmente chamada à educação dos filhos alheios, eras, para os felizes rebentos de tua ternura, não apenas Mãe pela carne, mas, também a amiga constante e a instrutora ideal...

É por isso que, hoje, a concha de teu devotamento parece esvaziar-se, torturada aos golpes da aflição... É por esse motivo que, agora, por mais fulgure a luz solar, conclamando-te à alegria, sentes o coração sepultado nas sombras do peito, à maneira de nau desmantelada pela tormenta, a mergulhar-se sob a pesada corrente do mar revolto...

Somos, porém, uma família de muitos laços afetivos e não nos perderemos uns dos outros.

Prometemos fidelidade ao Amigo Eterno, que jamais nos desamparou, e, nas horas difíceis, entrelaçamos as próprias mãos para o justo soerguimento... Aqueles que nos seguem, de longe e de perto, chaves celestes de nossos destinos, não nos relegarão à fúria da tempestade. Seguem-nos com o carinho das afeições indestrutíveis, que o tempo somente consegue fortalecer e reavivar.

Teu espírito atormentado não cairá...

Em companhia de Jesus, muitas vezes, conhecemos realmente a solidão; contudo, jamais o abandono.

O amor inextinguível por abençoado farol em nossa viagem brilha sobre os rochedos, indicando-nos o rumo certo.

Continua içando o estandarte de tua confiança em Deus, além de todos os percalços e tentações.

Achamo-nos, efetivamente, na batalha... Batalha fora de nós e dentro de nós. Combate que assume aspectos diferentes, cada dia, pela dor e pelas provações com que somos defrontados... Mas, na vanguarda vitoriosa, temos o Mestre da Cruz que nos espera com o galardão da paz, obtida ao preço de lágrimas e suor, e na retaguarda possuímos benfeitores abnegados que nos suprem com todos os recursos necessários para que não venhamos a perecer.

Armados pela graça divina, prossigamos em luta...

É possível que, embaixo, nos reinos inferiores de nossas velhas dívidas, vejamos nossos apetrechos terrestres reduzidos a frangalhos; é possível que não nos caiba, perante os homens ávidos de conquistas efêmeras, senão o terrível quinhão da amargura; entretanto, é sobre as ruínas fumegantes do passado que construiremos nosso luminoso futuro.

Não importa que o coração de carne padeça na forja da renovação; não faz diferença o agravo da tortura moral na Terra, desde que nosso espírito levantado para Jesus nEle espere a própria sublimação em novo dia...

Reanima-te!

Não nos faltará a Divina Misericórdia.

Tudo na vida é propriedade do Todo-Poderoso... De nós mesmos, apenas dispomos da própria alma que nos compete aprimorar para a Vida Eterna. Edifiquemos em nós o santuário de compreensão e humildade, aperfeiçoamento e amor em que a Vontade dEle exteriorizar-se-á, onde estivermos, a favor de nosso próprio engrandecimento...

Quanto às angústias de agora, recordemos, de algum modo, a noite de 21 de agosto de 1572, na intimidade do Louvre.

Não obstante as festividades do casamento do Príncipe de Navarra com a irmã de Carlos IX, o grande palácio guarda consigo uma sala escura e triste.

É o grande recinto em que a Rainha-mãe congrega os amigos diletos...

Catarina de Medicis está indecisa...

Paris está repleta de protestantes para as núpcias reais.

A repressão contra Coligny deve expressar-se agora ou nunca...

Temendo as hesitações do filho, a soberana oculta-lhe a reunião levada a efeito, em surdina.

A corte deve decidir-se.

Um espetáculo disciplinar em Paris é o único lance capaz de erguer a França à altura da Espanha, na defesa papal.

que jaz apenas esboçado...

A Duquesa de Nemours, porém, ergue a voz, tanto quanto possível, e recomenda que a morte é a única solução para os sofrimentos morais da corte humilhada. Coligny deve desaparecer. O conselheiro detestado é um entrave à exaltação da fé, e um inimigo da França.

Catarina comovida, agradece. E o Duque de Guise aproxima-se, estendendo-lhe as mãos. Alguém, contudo, um padre do Louvre, pede complacência... E os martírios do povo? E a rebelião que, inevitável, se alastraria? O assassinio de Coligny seria a guerra civil, cruel e sanguinolenta... Há mães aflitas, desventuradas... A comunidade está exausta. Só a paz conseguiria restaurar a segurança de todos, e a tranquilidade nasceria exclusivamente de recíprocas concessões. Guise, porém, retruca, desapiedado. A Duquesa de

frágil e doente, foi convocado pela energia materna ao anoitecer de dois dias depois. Acompanhado de alguns poucos amigos, quando o Almirante já havia sido assaltado pelos tiros de Maurevel, intimou o filho a render-se. A matança dos huguenotes devia processar-se de inesperado. Carlos treme irresoluto. O coração real está dividido entre o amor da progenitora e as atenções do favorito. O soberano enfermo reage e chora... Mas, quando Catarina cai em pranto convulsivo, implorando-lhe organize a chacina, em nome da França, o jovem infeliz brada, semi-louco:

- Sim, concordo, mas então matem todos, matem todos!

E afasta-se, correndo...

A rainha não se deixa intimidar na previsão de quaisquer conseqüências.

Reunida a Nemours, a Guise, a Anjou e outros afetos particulares, mobiliza as providências imediatas.

Autoridades são chamadas à pressa...

E quando os sinos de Saint-Germain-l'Auxerrois começam a badalar, sinistramente, às três horas da madrugada, na noite quente, grupos de cavaleiros e guardas, ostentando a cruz branca nos chapéus e alvas faixas nos braços, erguendo os protestantes mal despertados, começaram a matança inesquecível.

O duque de Guise dirigiu-se em pessoa à residência de Coligny, seguido de amigos fiéis.

Um deles, caráter duvidoso, de nome Besme³ foi enviado ao interior doméstico, liquidando o almirante, que se despediu, dignamente, da missão que desempenhava... Guise,

Quando os sinos de Saint-Germain-l'Auxerrois começam a badalar, cavaleiros começaram a matança inesquecível

As vitórias do Duque D'Alva, a influência de Felipe, dão motivo às cochichadas conversações.

Se os Países Baixos fossem definitivamente submetidos, o prestígio espanhol ofuscaria o mundo francês.

E a atuação do Almirante herege, transformado em conselheiro único e sumamente respeitado pelo rei, fornece alimento às mais estranhas sugestões do delito coletivo

Nomours tem razão. Só a morte poderia liquidar o enigma daquela hora de provação e incerteza. Alguém considera:

- E meus filhos?

E a devotada amiga da soberana confessa, com franqueza:

- Dar nossos filhos a semelhante empresa é privilégio que devemos disputar!

E a reunião passou, até que o rei,

³ Besme, alemão, criado de François de Guise. Conta-se que foi o primeiro a abordar Coligny. "Sois o almirante?" "Sou", respondeu, "e deverias respeitar a minha idade e minha debilidade, moço, porque não haverá de nenhum modo, vida mais curta". O criado atravessou-lhe o peito, golpeando-lhe a cabeça respeitável, e outros caíram sobre ele. (Nota do Autor).

contudo, cá fora, exigiu que o cadáver fosse lançado à via pública que se lhe decesse a cabeça.

Os despojos do condutor popular foram projetados à rua e, logo após, com o duque à frente, a expedição punitiva atravessou o limiar

Os príncipes protestantes foram constrangidos a modificar as diretrizes políticas

da casa e Guerchy, Téliigny, Montaumur e Rouvray, além de muitos afeiçoados, foram mortos...

As aventuras do morticínio, no entanto, não foram paralisadas aí...

As portas da cidade foram cerradas, e as águas do Sena, ruborizadas de sangue, receberam fugitivos ou feridos que tentavam o escape. Carros repletos foram precipitados das pontes fustigando-se os animais espavoridos nas trevas que precedem o renascimento do Sol...

No dia seguinte, a Corte de Carlos IX estava efetivamente vitoriosa.

Os príncipes protestantes foram constrangidos a modificar as diretrizes políticas em que evoluíam para a renovação religiosa, e Catarina de Médicis, embora sob o luto que lhe enegreceu a alma, conseguiu equiparar seu governo ao prestígio da Espanha inquisitorial...

Em verdade, porém, o dia 24 de agosto de 1572 não era de triunfo, mas de queda e compromissos morais para muitos corações que, em troca de flagelação e sofrimento, se lucificam, agora, para as alegrias do Infinito Amanhã... (...)

Lancemos mais luz no fato histórico revertido aos dias que correm pela mediunidade.

A mensagem, como vimos é de 09/05/1953.

Em 24 de agosto de 1965 (12 anos depois), Chico Xavier, emocionado, escreve a D. Izabel Bittencourt de Souza (D. Bibi, na intimidade), carta de Paris, contando o seguinte:

“(...) Hoje, escrevo a você com a emoção que você pode imaginar, pois, alguns poucos dias antes da partida do nosso Antonio⁴, Dona Esmeralda e eu nos achávamos em reunião íntima em nossa casa, junto à casa de Luiza⁵, quando finalizadas as nossas preces e encerrada a reunião, comentamos as lutas que haviam ficado no mundo, depois da perseguição aos nossos irmãos das igrejas evangélicas na França de Catarina de Médicis... Dona Esmeralda e eu comentávamos os vários aspectos das provações a que me referi, quando ela solicitou que eu perguntasse a Agar⁶, então presente, se eu, Chico, estava também no círculo de provas por motivo de perseguição aludida, ao que ela respondeu:

- Sim, mamãe, de algum modo, embora indiretamente...

Dona esmeralda, então, indagou em voz alta:

- Minha filha, quando terminarão essas provas?

Agar respondeu, com palavras de que não me lembro, afirmando que, quando ela, D. Esmeralda e eu nos encontrássemos de novo, num 24 de agosto, em uma oração no Palácio do Louvre, isso seria o sinal de que as nossas provações (naturalmente, pelo menos quanto a mim, que reconheço ser uma alma infinitamente devedora perante as Leis de Deus, somente as provações que se referem à perseguição de São Bartolomeu) estariam terminadas. Agar sorriu e despediu-se. Dona Esmeralda e eu encerrávamos a conversação com bom humor e alegria, e concordamos em que, com certeza, isso se verificaria quando nós ambos, ela e eu, estivéssimos no Mundo Espiritual. Passou o tempo, e a palestra, como tantas, ficou aparentemente esquecida. Pois hoje, Bibi, eu que nunca imaginei poder vir a Paris e demorar-me aqui, entre nossos irmãos franceses estive no Louvre (hoje, grande museu) e, em prece rápida, pude ver Dona Esmeralda com Dona Izabel Cintra e outras afeições. Ela estava de fisionomia tranqüila e feliz e, com lágrimas que não chegaram a descer dos olhos, apenas me disse: “Chico, meu filho, Deus te abençoe”. O movimento no Louvre é muito grande e a visão como a prece foram ligeiras. Mas, você pode avaliar a minha emoção escrevendo a você, agora à noite, no hotel, como não podia deixar de fazê-lo, pois você é o coração capaz de compreender a beleza do acontecido”.

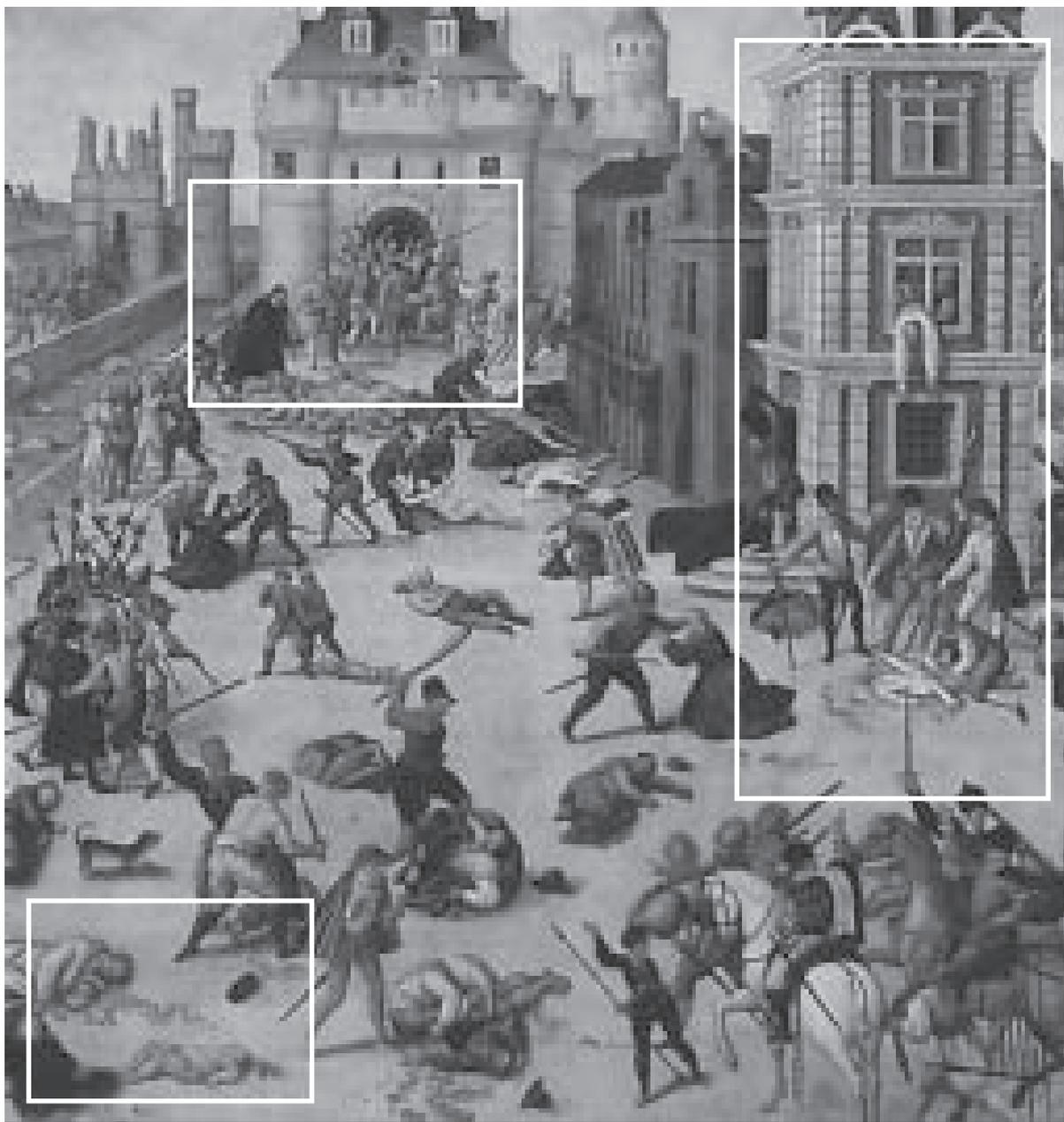
Esta a interessante carta remetida da Rue Bonaparte, 49 – Paris.

⁴ Filho também desencarnado por acidente.

⁵ Irmã do médium psicógrafo.

⁶ Quando em vida filha de dona Esmeralda.

La Saint-Barthélemy



François Dubois, um artista protestante, retratou os acontecimentos ocorridos nos arredores do Louvre com grande realismo. Dubois escapou por pouco do morticínio e foi para a Suíça, onde pintou um famoso quadro que permanece no Museu da cidade de Lausanne, à beira do lago Léman, até hoje. La Saint-Barthélemy, é uma denúncia da Noite de São Bartolomeu, pintada em óleo sobre madeira, com cerca de 1 metro de altura por 1,5 metros de comprimento. As reconstituições posteriores dos acontecimentos confirmaram a veracidade do que é mostrado por Dubois.



Olhe o edifício de três andares que aparece à direita no quadro. Da janela do meio pende um corpo inerte. É o almirante Coligny, que está sendo defenestrado pelos católicos. Agora olhe para baixo. Bem em frente do mesmo prédio há um homem caído, sem cabeça e sem mãos, rodeado por outros três em pé. O corpo mutilado é de Coligny. O homem do meio, entre os que rodeiam Coligny, é o duque de Guise, chefe do partido católico e responsável direto pela eliminação do almirante. Agora percorra o resto do corpo de Coligny. Você verá um homem agachado perto dele. É um soldado cortando os testículos do defunto. Um pouco à direita está um nobre protestante chamado Caumont, pedindo de joelhos clemência a dois católicos. Caumont foi morto. Seu filho de 13 anos, o futuro duque de La Force, em compensação, depois de golpeado foi dado como morto, mas respirava ao chegar aonde seria enterrado e acabou se salvando.

Vamos nos transportar para o fundo do quadro. Na entrada do Palácio do Louvre, há um grupo de soldados bloqueando a entrada. O objetivo era impedir que os protestantes alojados no palácio fugissem.

Um pouco à frente, a Rainha-mãe Catarina de Medicis, vestida em preto, como era seu hábito, observa um monte de corpos nus já sem vida. Desde um pavimento superior do palácio, na janela superior esquerda, o rei Carlos IX dispara com um arcabuz sobre os protestantes que tentam fugir para o outro lado do rio Sena.

Repare que no primeiríssimo plano, perto de uma criança morta, o artista deixou registrado, provavelmente com o objetivo de que ninguém jamais esquecesse, o ano da tragédia. Escreveu, em vermelho imitando sangue, l'an 1572 (o ano de 1572).

Voltando ao passado, quando ocorreu o desastre que vitimou, aqui no Rio, D. Aparecida Bittencourt, D. Esmeralda recebeu carinhosa mensagem de Chico Xavier, datada de 17-1-1951, cheia de conforto e portadora de vida e paz:

“Minha bondosa amiga:

Deus nos proteja.

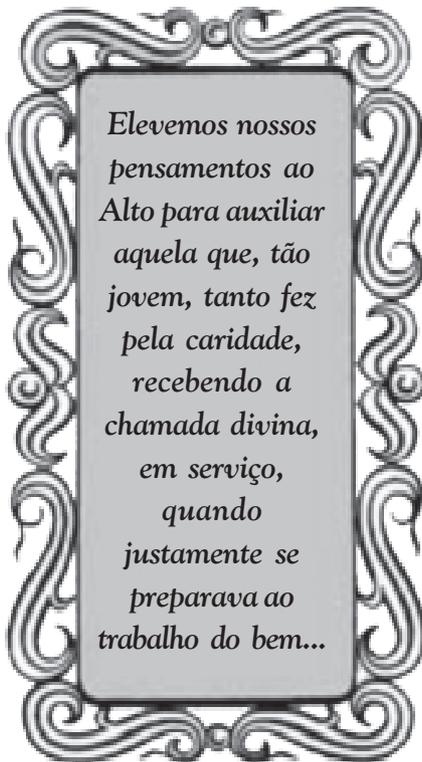
Não sei como começar esta carta, em face do lutuoso acontecimento de ontem. Tenho o meu coração infinitamente dolorido e, por mais que me esforce, a palavra não traduz o que minha alma deseja dizer. Tenho procurado, de vários modos, estabelecer alguma ligação telefônica, de modo a ouvir-lhe a voz, mas, de balde...

A Cia. Telefônica dá sempre um atraso de muitas horas, impedindo-me a comunicação com a querida amiga. Não esmorecerei. Continuarei tentando, até podermos estabelecer algum intercâmbio.

Esperando que o meu pobre telegrama lhe tenha chegado às mãos, continuo rogando a Jesus lhe fortaleça o dilacerado coração de Mãe, ao lado do nosso devoto Sr. Quito, a quem desejo igualmente muita fortaleza, na hora difícil que vamos atravessando. Na sexta-feira última, quando tive a alegria de abraçar pessoalmente o nosso Antonio, no instante de nossas preces, vi Agar com o Dr. Bezerra de Menezes. Ela não quis escrever, apesar de haver pedido a ele endereçar ao seu carinhoso coração algumas palavras, alegando que só escreveria se pudesse ▶

escrever muito, de acordo com o desejo de seu coração, tomando o Dr. Bezerra de a dianteira e endereçando ao Antonio uma pequena página.

Agora sei que nosso abnegado missionário estava junto de Agar para receber mais um coração sublime que parte...



Dolorosas foram as circunstâncias em que a sua ternura de Mãe que viu partir; entretanto, minha amiga, nós sabemos que a justiça do Céu nunca surge sem misericórdia. Confiemos na Infinita Bondade. Temos a eternidade à nossa frente, e a nossa fé representa uma luz a guiar-nos. Aquela Mãe Sublime que chorou aos pés da cruz virá consolá-la... Ela sabe onde se ocultam as lágrimas dos corações como o seu, que tudo tem dado ao bem de todos,

no verdadeiro sacrifício, recebendo da Terra os espinhos e as aflições em troca. Ao Anjo Tutelar da Humanidade envio minhas preces, em nosso favor. Que ela nos abençoe.”

Na carta de 26-1-1951, após os saudaes de conforto, escrevia o médium:

Não mais tive notícias diretas de Agar, isto é, a presença dela, desde a noite de 19, em que tive o conforto de ouvir a sua voz (dela, Esmeralda) ao telefone. Ela (Agar) compareceu à cabina e declarou-me que desejava aproveitar a hora para dirigir-lhe algumas palavras. Não me cabia modificar o programa dela, e entreguei-me. Do que ela conversou com a bondosa amiga, não tenho a menor idéia. Lembro-me apenas de que me achava em conversação com Bibi quando a nossa consoladora mensageira me envolveu num abraço fraternal e nada mais percebi, a não ser quando me achei escutando a sua voz. Voltei a casa, depois do telefonema, sob forte impressão, sentindo-me, porém, contente por haver servido de veículo à palavra de quem nos é tão querida e, na ligeira oração com que faço proceder o sono, vi-a distintamente ao meu lado. Perguntei-lhe, então, sobre a Dra. Aparecida (9), e ela me disse que o acontecimento se filiava ao passado e que era uma página escura a se converter em claridade. Afirmou que fora informada, há muito tempo, de semelhante prova, que não foi possível ser modificada e, na manhã do dia 16, dirigiu-se em companhia do Dr. Bezerra para junto dela, encorajando-a e fortalecendo-

CRONOLOGIA

Catarina de Medicis (1519-1589)

Uma vida dedicada a manter o trono em poder da família Valois.

Carlos IX (1550-1574)

Um soberano fraco para os objetivos da mãe: morreu jovem.

Duque de Guise (1550-1588)

O chefe católico acabou sendo assassinado por ordem de Henrique III, o último Valois.

O rei dos católicos

Felipe II (1527-1598), da Espanha, comandou a reação católica na Europa.

A rainha dos protestantes

Elizabeth I (1533-1603), da Inglaterra, comandava a maior potência não-católica.

O pivô do crime

O almirante Gaspard de Coligny era proveniente da poderosa linhagem Montmorency-Châtillon, um dos clãs mais influentes da França. Na segunda metade do século XVI, os Châtillon, liderados por Coligny, aderiram ao protestantismo e fizeram uma aliança com os Bourbons. Coligny se transformou no chefe militar do partido huguenote. O duque de Guise acreditava que o almirante havia mandado matar seu pai. Depois da paz de Saint-Germain (1570), Coligny foi incorporado ao conselho do Rei. A partir desse posto, e exercendo, ao que consta, grande influência sobre Carlos IX, Coligny começou a organizar a invasão de Flandres. Para evitar a invasão, Catarina de Médici decide matá-lo, dando início à Noite de São Bartolomeu.

(9) Desencarnada por acidente, no Rio de Janeiro. ▶



a espiritualmente, e tentando quando lhe era possível pela oração, para auxiliar a todos, guardando, ainda, a esperança para auxiliar a todos, guardando, ainda, a esperança de que o acontecimento fosse desviado, mas, igualmente em lágrimas, viu a irmãzinha tombar sob a provação que se tornara inevitável e inflexível. Havia ou há alguma árvore no local do acontecimento doloroso? Assim pergunto, porque Agar me disse que ela, Dr. Bezerra e outros amigos permaneceram ao lado de uma árvore, de onde puderam prestar socorro à abnegada irmã que partiu, com a urgência precisa, afirmando que a desencarnação foi imediata, mas que a retirada espiritual só foi realizada em seguida de algumas horas. Disse-me que o choque foi tão grande que ela não registrou

ti-me em desdobramento, seguindo a ambos, como se eu estivesse correndo sem fazer esforço. Chegamos a um lugar arborizado com grande beleza, e penetramos em edifício enorme, cheio de movimento, mas silencioso. Agar abriu uma porta e entramos. Num leito muito amplo e muito branco estava uma jovem prostrada. Alguma coisa me punziu o coração e nada pude falar. Fixei-a, em pranto, e só me lembro que a fisionomia muito delicada assemelhava-se bastante à do Antonio. Lembrei-me da senhora, do Dr. Mena Barreto, do Sr. Quito e de todos nós que tanta dor experimentamos com o fato inesperado, e minhas lágrimas se desataram e, com isso, notei que Emmanuel me arrebatou do aposento. Então, de volta, porque eu indagava sobre a causa de tamanho

Senti como se uma força diferente me impulsionasse para cima, como um estalido que não posso descrever

os fenômenos de angústia e do sofrimento, sendo imediatamente anestesiada por recursos espirituais, com o Dr. Bezerra de Menezes operando na direção. Acrescentou que a irmã achava-se recolhida em organização da esfera próxima, para tratamento, mas, ainda incapaz de ordenar idéias sobre o ocorrido, mantendo-se numa situação de alheamento de tudo. Pedi a ela que eu desejava ver Dindinha (10), e, com a assistência de Emmanuel, sen-

sofrimento, o nosso benfeitor espiritual, que se mostrava muito sereno, disse-me, paternal:

- Queres, então, saber?

Abracei-me a ele, como se eu fosse uma criança, e declarei que sim.

Ele pousou as mãos de leve na minha cabeça, como se me magnetizasse, e exclamou:

- Observa alguma coisa.

Senti como se uma força diferente me impulsionasse para cima, como um estalido que não posso

(10) Como era carinhosamente chamada a Dr. Maria Aparecida Bittencourt Mena Barreto. ▶

O Príncipe de Nicolau Maquiavel foi dedicado ao pai de Catarina, Lorenzo de Médici. A fama de que Maquiavel seria um diabólico conselheiro de tiranos formou-se a partir da identificação entre as ações de Catarina - como a traição da Noite de São Bartolomeu - e os pensamentos do teórico florentino. Certa ou errada, a imagem que se tem de Maquiavel não foi a única consequência intelectual das guerras de religião na França.

O filósofo Michel de Montaigne (1533-1592), hoje em dia cada vez mais apreciado, fez, como resultado de uma reflexão sobre sua época, afirmações importantes sobre a tolerância e a liberdade de consciência nos seus famosos Ensaios.

Ettiene de La Boétie (1530-1563), amigo de Montaigne, entregou-lhe um manuscrito que depois iria também se tornar famoso: o Discurso da servidão voluntária. Com base no pensamento antiautoritário de La Boétie, os huguenotes desenvolveram idéias que justificavam o direito à revolução.

Para que a luta entre as facções não degenerasse sempre em guerra civil, Jean Bodin (1530-1596) desenvolveu nos seis livros da República, a idéia de soberania. Apenas um Estado soberano, onde as leis fossem acatadas por todos, poderia assegurar a convivência pacífica entre os partidos.

descrever, e vi-me numa cidade enorme (11), de ruas sombrias, em estranha noite. Vozes em algazarra me chegaram aos ouvidos. Eu estava também naquela cena em outro corpo e, com horror, observava um povo desvairado a matar, com ruído e gargalhadas, os próprios irmãos. Incêndios aqui e ali mostravam quadros terríveis que as badaladas dos sinos no ar tornavam mais impressionantes (12). De chofre, retomei uma lembrança que estava dentro de mim e que até então me parecia perdida. Lembrei-me e corri também para os acontecimentos. Era a Noite de São Bartolomeu, em Paris, em 1572...

Os gritos "Massacrez! Massacrez! O rei deseja! O rei deseja! Massacrez!" me enchiam os ouvidos, e eu, em desespero, recordei alguém que talvez já estivesse nas sombras da morte e bati às portas de uma casa nobre, rogando socorro, reconhecendo aí muitas pessoas do nosso meio que se acham encarnadas. Não consegui o socorro almejado e pus-me a correr sem destino, mas a perturbação era enorme. As casas particulares eram invadidas por turmas de pessoas truculentas, e mulheres e crianças eram trazidas para morrer em praça pública. Muitos meninos eram atirados às águas do rio, depois de passarem na ponta dos sabres de homens embriagados. Muitas vítimas eram levadas às correntes do Sena, ainda vivas, para, ali, encontrarem a morte. Por mais de uma vez, vi homens e mulheres, em

(11) Paris, século XVI.

(12) Regressão da memória, provocada magneticamente por Emmanuel. ▶

grupos, atirando feridos à pata dos cavalos, os quais eram horrivelmente mutilados sob os carros que passavam, de quando em quando, em disparada. Depois de longa luta comigo mesmo, não mais suportei a situação e senti que a consciência de mim mesmo me faltava... Foi quando tornei a mim, sob o olhar calmo de Emmanuel que me disse:

- Aí se encontram as nascentes da amargura de hoje. Bendigamos a dor que refaz o equilíbrio e reconstrói o destino.

Depois de entreter com ele uma palestra longa, retornei à vida habitual e, apesar de ver que esta carta está inconveniente e longa demais, julguei melhor relatar-lhe tudo, enquanto o assunto de minha experiência ainda está vivo na minha imaginação..."

E para finalizar este depoimento feito por alguém, dotado de sensibilidade mediúnica, assistido por tão augusta entidade, leiamos trechos da carta que D. Esmeralda Bittencourt recebeu, datada de 7-2-1951:

"(...) Realmente, a visão da noite de 19 de janeiro último me sensibilizou muito. Eu me achava na condição de uma pessoa de quinze anos e me lembro de haver corrido à residência de amigos do meu círculo familiar, e recorde-me que entrei por uma residência senhorial a dentro e a encontrei (13) visivelmente preocupada. Lancei-me em seus braços, rogando socorro para alguém, mas a bondosa amiga, ao lado de pessoas muito importantes, afetuosamente disse: "Pobre criança! É muito tarde!"

Tentei forçá-la a dar-me maior atenção, mas, não consegui, porque havia muita gente ao seu lado. Reparei que a bondosa amiga enviava a uma casa, que era alguma de sua residência, em companhia de uma pessoa de sua confiança, um homem alto, com um chapéu largo, onde se destacava uma cruz branca, que não pude observar muito bem, porque chorava muito, e de quem me afastei, fugindo pela via pública. Sei que o nome "Nemours" foi pronunciado várias vezes, como designando a sua residência. Para falar francamente, recordei que a estimada amiga me

foi a "Noite de São Bartolomeu" e seu cortejo de horrores.

No plano das formas, vitoriou-se a Corte de Carlos IX, mas, no plano espiritual, todos os responsáveis pelo massacre dantesco desciam à densidade espiritual, encontrando, na sucessividade dos séculos, expiações e provações inenarráveis, na urdidura das circunstâncias humanas, sem falar no sofrimento superlativamente grande nas esferas invisíveis.

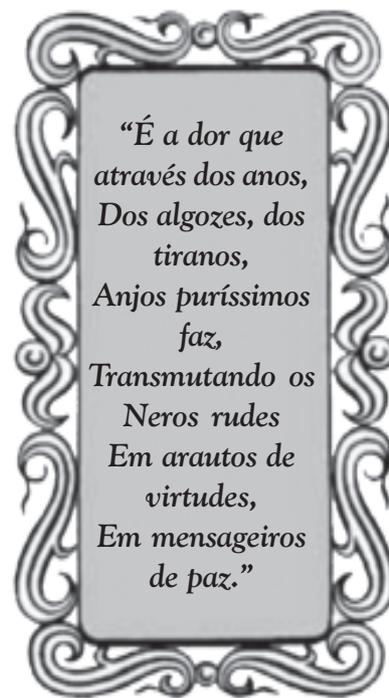
Mas, no dizer de Castro Alves, em "Parnaso de Além-Túmulo", psicografado por Chico Xavier, no poema "Marchemos!" ■

Depois de longa luta comigo mesmo, não mais suportei a situação e senti que a consciência de mim mesmo me faltava

pareceu amiga íntima da Rainha Catarina de Médicis e, como ela também, de origem italiana, desposando um alto dignitário da Corte francesa de então..."

"Ainda não tornei a ver Agar, mas o Doutor Bezerra de Menezes explicou-me que ela tentou materializar-se aos olhos do Dr. Mena Barreto, no Pronto-socorro (14), mas não conseguiu senão solicitar-lhe a atenção para a forma ectoplásmica, indefinida, com que ele se surpreendeu."

Com a permissão do Alto, o fato aqui descrito com as minudências possíveis dá-nos uma idéia do que



Fonte:

Jornal eletrônico Consciência da Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP.

(14) Tal fato se deu aqui, no Rio. rita sistematiza para o mundo, mostrando-lhe a la de 1555, com a invasão na Inglaterra e na luta pela liberdade de culto aos protestantes

(13) O "encontrei" refere-se a D. Esmeralda, reencarnada como Duquesa de Nemours.

Mesa Branca?

por Orson Peter Carrara

Ela pode ser de madeira, de plástico ou até mesmo de concreto. Pode ser azul, marrom, branca ou a cor que o leitor imaginar, grande ou pequena,

A cor, tamanho, peso ou material de que é feita, pouco importa para a prática espírita. Inclusive a própria mesa pode ser dispensada, sem qualquer prejuízo para as atividades,

sentimentos que norteiam os que dela participam. E isto determina a qualidade de tais práticas.

Óbvio que nos referimos aqui à prática das reuniões mediúnicas, classificadas por quem desconhece o Espiritismo, como de mesa branca. Mas a prática espírita está também nos estudos, na caridade material e espiritual prestada aos necessitados, nas atividades de divulgação - em suas diversas modalidades -, mas também no intercâmbio com os espíritos (que nada mais são que criaturas humanas que já deixaram o corpo de carne pelo fenômeno biológico da morte), onde o uso ou não de uma mesa é questão secundária.

Portanto, ao ouvirmos a expressão mesa branca, já estamos cientes: quem a usa está totalmente desconectado da realidade da prática espírita. Se for algum grupo que a usa para auto-classificar-se, encontra-se equivocado. Se a qualificação surgir por terceiros, quem a emite é que desconhece o que está dizendo.

E como reconhecer, então, um grupo sério e identificado com a Doutrina Espírita?

É fácil: basta observar três critérios: bom senso, lógica e fraternidade entre seus membros. ■

O Espiritismo dispensa quaisquer objetos materiais, gestos ou rituais

leve ou pesada, mas o fato é que nenhuma influência exerce sobre a prática espírita. A mesa é móvel doméstico ou empresarial, de muita comodidade, que facilita as mais variadas tarefas, das simples às complexas, de uso particular ou coletivo, mas nada tem a ver com a Doutrina Espírita.

exceto para a questão de comodidade humana.

É claro que a usamos em nossos grupos, por mera questão de comodidade. Agora, a expressão que intitula o presente artigo é fruto da ignorância popular, ou se quisermos amenizar a frase, ela advém da falta de conhecimento do que seja o Espiritismo.

O Espiritismo dispensa quaisquer objetos materiais, gestos ou rituais. Móveis, roupas especiais, velas, sinais, posturas e mesmo quaisquer expressões de cores - inclusive a cor de suposta mesa que esteja sendo usada ou cores de lâmpadas, cortinas e paredes - são absolutamente desnecessários, inúteis mesmo diremos. Tudo porque a prática espírita está exclusivamente baseada na questão da sintonia mental e dos





Resista à tentação de “a nível de”

por Eduardo Martins



Você já reparou no número de vezes que as pessoas entrevistadas no rádio e na televisão dizem **a nível** ou **a nível de**? Isso acontece porque muita gente freqüentemente precisa de determinados curingas lingüísticos, palavras ou fórmulas que sirvam para qualquer situação.

Além de modismos (termos comuns em determinadas épocas), **a nível** e **a nível de** não existem no idioma, do ponto de vista formal. Por isso, você não vai encontrar nenhuma dessas expressões nos dicionários. Alguém pode perguntar se a língua não admite inovações? Admite, desde que sejam corretas e se justifiquem. Nada disso ocorre com **a nível** ou **a nível de**: para começar, **a** não se combina com **nível**.

Note: ninguém diria “**a plano**” federal ou “**a termos**” de idéias. E essas palavras, nos exemplos, são empregadas no mesmo sentido em que se recorre a **a nível**. No mínimo, quem insistir em usar essas expressões terá de substituir o **a** por **em**, **no**, **na** ou até **ao**. Assim: **Em nível** federal (e nunca “*a nível*” federal), **no nível** das idéias, *a entidade foi levada ao nível* primeiro-mundista, etc. Mas mesmo essas opções podem ser substituídas.

Por isso, se puder, mantenha a locução longe do seu vocabulário. Na quase totalidade dos casos, ela é perfeitamente substituível, está demais no texto ou não faz falta.

Veja alguns exemplos: *Decisão “a nível da” diretoria da escola* (decisão da diretoria da escola). / *Decisão “a nível da” prefeitura* (decisão municipal). / *Reunião “a nível” internacional* (reunião internacional). / *Decisão “a nível” nacional* (reunião no plano nacional, em termos nacionais). / *Nessa época o Brasil crescia “a nível de “7% a 8% ao ano* (crescia de 7% a 8%).

O pior no caso é que o uso indiscriminado e abusivo de **a nível de** leva a situações absolutamente injustificáveis do ponto de vista da linguagem, como se pode ver nestes exemplos **reais**: *O clube fez contratações “a nível de” futuro* (para o futuro). / *A proposta pelo jogador é “a nível de” 5 milhões de dólares* (é de cerca de). / *“A nível de” jornalista, prefere assuntos mais leves* (como jornalista). / *O jogador tinha um problema “a nível de” joelho* (no joelho, apenas).

Ou há casos em que o texto teria de ser alterado por inteiro, uma vez que não haveria como substituir a locução apenas: *É preciso fazer alterações na equipe, principalmente “a nível de” criatividade*. / *Cada profissional deve procurar integrar-se ao outro, “a nível de” conhecimento mútuo*.

Fonte:

MARTINS, Eduardo. *Com Todas as Letras*. Pág. 138. Editora Moderna. São Paulo/SP, 1999.

Tu, porém

“Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina.”

Paulo (Tito, 2:1.)

Desde que não permaneçais em temporária inibição do verbo, serás assediado a falar em todas as situações.

Convocar-te-ão a palavra os que desejam ser bons e os deliberadamente maus, os cegos das estradas sombrias e os caminhoneiros das sendas tortuosas.

Corações perturbados pretenderão arrancar-te expressões perturbadoras.

Caluniadores induzir-te-ão a caluniar.

Mentirosos levar-te-ão a mentir.

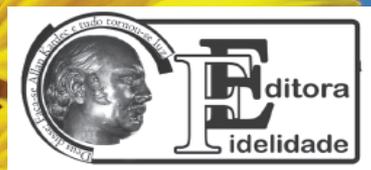
Levianos tentarão conduzir-te à leviandade.

Ironistas buscarão localizar-te a alma no falso terreno do sarcasmo.

Compreende-se que procedam assim, porquanto são ignorantes, distraídos da iluminação espiritual. Cegos desditosos sem o saberem, vão de queda em queda, desastre em desastre, criando a desventura de si mesmos.

Tu, porém, que conheces o que eles desconhecem, que cultivas na mente valores espirituais que ainda não cultivam, toma cuidado em usar o verbo, como convém ao Espírito do Cristo que nos rege os destinos. É muito fácil falar aos que nos interpelam, de maneira a satisfazê-los, e não é difícil replicar-lhes como convém aos nossos interesses e conveniências particulares; todavia, dirigimo-nos aos outros, com a prudência amorosa e com a tolerância educativa, como convém à sã doutrina do Mestre, é tarefa complexa e enobrecedora, que requisita a ciência do bem no coração e o entendimento evangélico nos raciocínios.

Que os ignorantes e os cegos da alma falem desordenadamente, pois não sabem, nem vêem... Tu, porém, acautela-te nas criações verbais, como quem não se esquece das contas naturais a serem acertadas no dia próximo.



Chico Xavier - Emmanuel
Vinha de Luz